

CUSTO E BENEFÍCIO DO DESBASTE DE PINUS NA REGIÃO CENTRO ORIENTAL PARANAENSE

Além de ser um trato cultural indispensável no sistema produtivo do pinus, realizado com o propósito de melhorar a produtividade e qualidade da madeira, o desbaste apresenta uma fonte de renda intermediária durante o ciclo de produção ao produtor, afinal, o volume de madeira desbastado é

comercializado. Na Tabela 1, são apresentados os principais parâmetros relacionados à prática para Jaguariaíva, região centro oriental do Estado do Paraná e um dos municípios que compuseram o levantamento de dados do Projeto Campo Futuro.

Tabela 1. Parâmetros técnicos e econômicos referente ao desbaste em pinus, ano de referência 2018, região de Jaguariaíva/PR.

	Parâmetro	1º Desbaste	2º Desbaste	Colheita
	Ano de realização	6	10	16
Produção	Volume extraído (%)	30	37	100
	Produção (m ³ /ha)	58	97	357
Destino	Serraria	-	40	80
	Processo	100	60	20

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2018). Elaboração: Pecege/USP/CNA.

Como se observa, além da colheita final, realizada no 16º ano de produção, são realizados dois desbastes intermediários, um no 6º e outro no 10º ano de produção. Os volumes extraídos são próximos entre as operações, entre 30 e 37%. Porém, em função do desenvolvimento da floresta, representado pelo incremento médio anual (IMA) e época de realização, as produções obtidas são distintas, sendo 58 m³/ha no primeiro desbaste e 97 m³/ha no segundo. Considerando

todo o ciclo de produção, a produção final de madeira é de 512 m³/ha, de modo que o material extraído dos desbastes equivale a 30% deste montante.

No que diz respeito à comercialização, o destino da madeira é distinto, influenciado pelo tipo/qualidade do material colhido, este determinado, sobretudo, pelas características de desenvolvimento, porte das árvores e época de corte. A madeira proveniente do

primeiro desbaste, por exemplo, é direcionada integralmente para processo, sendo comercializada ao preço de R\$ 75/m³.

No segundo desbaste, como já existe um maior desenvolvimento da planta, há extração de árvores de maior porte, de modo que 40% do material extraído são destinados à serraria, obtendo um maior valor agregado com preço de comercialização de R\$ 120/m³, enquanto os outros 60% são destinados ao processo. Se relacionarmos os preços obtidos com o custo do desbaste, que giram em torno de R\$ 47/m³ - sendo R\$ 25/m³ relacionado ao corte, baldeio/carregamento e R\$ 22/m³ referente ao transporte - conclui-se que a receita obtida com o desbaste é suficiente para cobrir os custos da sua execução.

Os resultados positivos também são verificados ao analisar todas as retiradas de madeira do ciclo. No Gráfico 1, são ilustrados os custos operacionais de produção, a receita ponderada da atividade e as margens de lucro. Como se observa, o preço médio de R\$ 104/m³, dado em função do mix de comercialização, vem sendo suficiente para cobrir os custos de produção, remunerando, inclusive, o capital empatado na atividade, gerando um lucro de R\$ 27/m³ ao produtor.

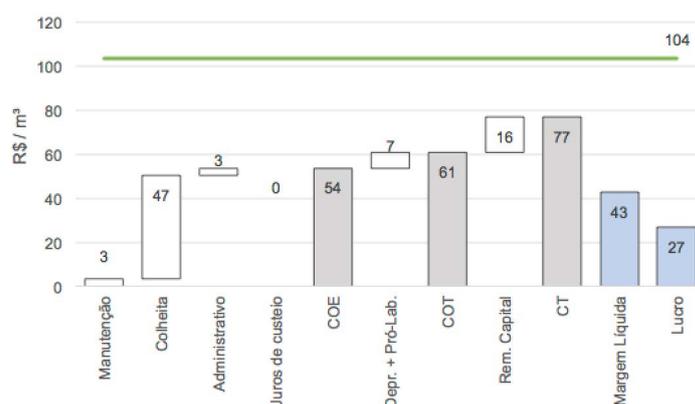


Gráfico 1. Lucratividade na produção de pinus para fins de carvão vegetal, região de Jaguariaíva/PR, ano de referência 2018.

Fonte: Projeto Campo Futuro CNA. Elaboração: Pecege/USP/CNA.

A prática do desbaste e a diversificação das formas de comercialização da madeira justificam o sucesso econômico da pinocultura de Jaguariaíva-PR. O desbaste permite a obtenção de renda previamente a colheita final, o que ajuda no processo de gestão e manutenção do fluxo de caixa. Além disso, a diversificação das formas de comercialização reduz o risco, e possibilita ao produtor a escolha do destino da produção de acordo com a finalidade que mais remunera, consequentemente, ampliando suas receitas.